



**Universidade de Brasília (UNB)**  
**Faculdade de Educação Física (FEF)**

GIOVANA MACHADO LAMPERT

**UMA DISCUSSÃO SOBRE A DOMINAÇÃO MASCULINA E A  
INSERÇÃO FEMININA NO ESPORTE: implicações na prática da  
Educação Física na escola**

Brasília/DF

2022

GIOVANA MACHADO LAMPERT

**UMA DISCUSSÃO SOBRE A DOMINAÇÃO MASCULINA E A  
INSERÇÃO FEMININA NO ESPORTE: implicações na prática da  
Educação Física na escola**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Coordenação de Graduação do Curso de  
Educação Física, como requisito parcial para  
obtenção do título de licenciada em Educação  
Física.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Antônio de Azevedo

Brasília/DF

2022



**Universidade de Brasília (UNB)**  
**Faculdade de Educação Física (FEF)**

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “UMA DISCUSSÃO SOBRE A DOMINAÇÃO MASCULINA E A INSERÇÃO FEMININA NO ESPORTE: implicações na prática da Educação Física na escola”, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura da Universidade de Brasília – UNB em (data de aprovação), defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Prof. Orientador (a): Dr. Aldo Antônio de Azevedo

---

Prof. (titulação): Dr. Iran Junqueira de Castro

---

Prof. (titulação) nome do membro da banca

Brasília/DF

2022

## AGRADECIMENTO

Entre idas e vindas da minha trajetória acadêmica, o primeiro digno de louvor e gratidão nesse caminho é Deus, o meu Pai, que cuidou de mim em cada etapa. A verdadeira sabedoria e entendimento encontrei n'Ele. Dele vem a força e a coragem para permanecer, o amor, a alegria e a paz. Sem Ele nada seria possível.

Agradeço também a minha mãe Cleide Zoraia, que percorreu todo esse caminho ao meu lado. Os altos e baixos, os dias de tristeza e os dias de alegria. Obrigada mãe por me acolher em qualquer decisão que eu tomasse, por passar noites ao meu lado enquanto escrevia, sem entender nada, apenas para me apoiar. Eu te amo com todo meu coração.

Ao meu pai, Vanderlei Viana Lampert, obrigada pelas orações, pelo suporte, consolo, confiança e por me ensinar que o conhecimento não tem preço, e sim, valor.

Ao meu irmão, Gustavo Lampert, obrigada por ser uma referência para mim. Um homem que corre atrás dos seus sonhos e dá o seu melhor, você me inspira.

Sou grata às minhas amigas Nathalia e Ayesha, que confiaram na minha capacidade antes mesmo que eu pudesse confiar. Obrigada pelos diversos cafés, sorvetes, chocolates, desabafos, risadas, orações e a companhia que eu precisava para continuar. Carrego vocês para a minha vida.

À minha família do coração, irmãos em Cristo da IIR Brasil e do Deeper Org, vocês com certeza foram a melhor parte dessa fase. Obrigada por cada momento de refúgio e aprendizado juntos, dentro e fora da UnB.

Jhonnatan Martins, Rafael Faleiro, Isabela Castro, Clara Mendes, Guilherme Navarro, Giovanna Sales, Pedro Victor, Luís Carlos, Anna Laura, Guilherme Otaviano, Isabella Rocha, obrigada por cada oração e palavra de incentivo.

Às minhas amigas Isadora Godoy, Leticia Menezes, Sara Figueiredo e Beatriz Senna, que chegaram de repente e já marcaram uma fase tão importante da minha vida. Obrigada por tantos cafés, abraços e todo amor.

Por fim, sou grata à Universidade de Brasília, à Faculdade de Educação Física, aos meus professores e meu orientador Aldo Antônio de Azevedo, por

proporcionarem momentos de reflexão e construção de aprendizado, por instigar o pensamento crítico e a responsabilidade da educação para a sociedade, obrigada.

“Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória para todo o sempre. Amém!” 1 Timóteo 1:17 NA

“Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completa-la até ao Dia de Cristo Jesus.”

Filipenses 1:6 NA

## RESUMO

Ao longo da história da humanidade, percebe-se que sempre existiu a dominação masculina sobre a feminina. Homens se preparavam para a guerra praticando esportes de contato, enquanto as mulheres eram preparadas para a reprodução e afazeres domésticos, submetidas a padrões estéticos e higienistas. No transcorrer dos anos, com o crescimento do movimento feminista, a educação física passou por um processo de transformação e debates a respeito de novos temas, dentre eles: a dominação do sexo masculino em relação ao feminino, como realidade que se opõe no esporte. Para Pierre Bourdieu a consolidação do tema possibilita ao estudo de comportamentos e estruturas construídas socialmente, a fim de trazer à luz os elementos de dominação que se instituem de maneira camuflada nas relações sociais e que favorecem o caráter conservador das estruturas de posições dos campos. Desse modo, pretendeu-se identificar na literatura, os efeitos da dominação masculina no contexto da prática escolar. As aulas de educação física são uma ponte indispensável pois, ajudam os seres humanos a se conhecerem, a se relacionarem com o mundo, a buscarem autonomia, a construção do conhecimento, o desenvolvimento em diversas áreas e a enfrentar situações e resoluções de problemas. Atualmente, ainda se percebe a predominância da dominação masculina em diversas áreas da vida. Por meio da metodologia bibliográfica, o foco foi compreender as percepções apontadas pelos autores, no teor de artigos e livros publicados. Neste sentido, a questão central do estudo foi identificar os indicadores da dominação masculina no esporte e seus efeitos na educação física escolar.

**Palavras-chave:** dominação masculina; educação física escolar; gênero.

## **ABSTRACT**

Throughout the human history, it is clear that there has always been male domination over female. Men prepared for war by practicing contact sports, while women were prepared for reproduction and household chores, subject to aesthetic and hygienist standards. Over the years, with the growth of the feminist movement, physical education has undergone a process of transformation and debates on new themes, among them: the domination of males over females, as a reality that is opposed in sport. For Pierre Bourdieu, the consolidation of the theme makes it possible to study socially constructed behaviors and structures, to bring to light the elements of domination that are instituted in a camouflaged way in social relations and that favor the conservative character of the structures of positions in the fields. Thus, it was intended to identify in the literature, the effects of male domination in the context of school practice. Physical education classes are an indispensable bridge because they help human beings to get to know each other, to relate to the world, to seek autonomy, to build knowledge, to develop in different areas and to face situations and problem solving. Currently, the predominance of male domination in several areas of life is still perceived. Through bibliographic research, the focus was to understand the perceptions pointed out by the authors, in the content of published articles and books. In this sense, the central issue of the study is to identify the indicators of male domination in sport and its effects on school physical education.

**Keywords:** male domination; school physical education; genre.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: TEORIA DE GÊNERO</b> .....	<b>15</b>
1.1 Gênero versus sexo .....	
1.2 Desigualdades de gênero.....	
<b>CAPÍTULO 2: BOURDIEU E A DOMINAÇÃO MASCULINA</b> .....	<b>19</b>
2.1 A noção de Capital em Bourdieu .....	
<b>CAPÍTULO 3: FEMINISMO E A INSERÇÃO DAS MULHERES NO ESPORTE</b> .....	<b>28</b>
3.1 História do feminismo .....	
3.2 A idealização das olimpíadas e a inserção mulheres no esporte no Brasil e no mundo .....	
3.3 As mulheres no esporte diante da dominação masculina .....	
<b>CAPÍTULO 4: EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR</b> .....	<b>39</b>
4.1 A educação física no ambiente escolar .....	
4.2 A prática da educação física escolar diante da dominação masculina.....	
4.3 Sobre a inserção das mulheres na prática da educação física no ambiente escolar (leis) .....	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisou, baseado em uma revisão de literatura, a questão da dominação masculina e a inserção feminina no esporte, considerando as implicações na prática da Educação Física na escola.

A sociedade atual está se deparando com diversas questões e desafios no contexto das ciências humanas e sociais sobre as relações de gênero na educação. No que diz respeito ao tema proposto, observa-se as desigualdades sexuais, a discriminação contra a participação feminina em inúmeras áreas do cotidiano, em questão, no esporte, considerando, historicamente, a dominação masculina na maioria das modalidades, atingindo até mesmo, a prática da Educação Física escolar.

Bourdieu dedicou atenção à construção coletiva de diferenciação e hierarquização dos corpos como objeto da dominação masculina, conceito este, central do presente estudo.

Na linha da noção de violência simbólica, a dominação masculina age como uma fabricação contínua de crenças no procedimento de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante. No caso, a partir da incorporação do poder masculino na sociedade e nas práticas culturais, ocultando a diferenciação sexual e utilizando o corpo feminino como instrumento de controle. (BOURDIEU, 1998)

Em sua noção de arbitrário cultural, Bourdieu (1998) enfatizou que a aceitação e legitimidade social das classificações definidas pela classe dominante, e que dependem do desconhecimento dos processos e das relações que envolvem sua produção, reprodução e legitimação, é assimilada a premência de aprofundar o conhecimento das raízes histórico-sociais para poder intervir e questionar esses esquemas de pensamento.

Nesta perspectiva, em uma sociedade que muda seus padrões de pensamento incessantemente e pondera conceitos, é relevante que os profissionais da educação brasileira questionem e procurem compreender como as relações têm se desenvolvido no ambiente escolar, quais são os padrões que foram legitimados ou reestruturados, e como estas podem interferir na experiência e aprendizagem dos alunos.

A fim de identificar as características e/ou indicadores da dominação masculina e como estes interferem nas aulas de educação física escolar, as reflexões produzidas, com base na literatura, podem apontar para um processo de reprodução das desigualdades, nos termos de Bourdieu, no que diz respeito ao gênero.

Neste contexto, além das obras principais do referido autor, foi realizada uma busca por artigos e livros, que tratam diretamente do tema. Assim, a revisão bibliográfica aqui realizada, bem como a compreensão do processo de dominação masculina e suas implicações na reprodução das desigualdades, especialmente de gênero, no espaço social da escola. Faz parte dessa construção, refletir sobre as relações de gênero e o papel do professor de educação física.

### *Metodologia e caminhos trilhados*

De acordo com Creswell (2021), a pesquisa se desenvolveu por intermédio de metodologia bibliográfica e se deu em uma busca pela compreensão de fenômenos, ideais e percepções, a começar da operacionalização da noção de “dominação masculina”.

Desse modo, tem-se a consciência das limitações de um estudo fundamentado apenas na literatura produzida sobre o tema, carecendo de estudos mais aprofundados, como pesquisas de campo, para elucidar mais diretamente o objeto de estudo.

De tal modo que o ponto principal da pesquisa foi as visões dos autores, e assim, como base captar produção de ideias, raciocínios, percepções, reflexões e críticas, extraídos de artigos e livros. Interligado, tem-se a revisão bibliográfica.

Nesta, há registros disponíveis decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, dissertações, monografias, teses, também, em sites e em formato digital, “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade “colocar o pesquisador em contato direto com uma gama de informações sobre determinado assunto. O texto se torna fonte dos temas a serem abordados” (MARCONI; LAKATOS, 2001).

Seguindo as instruções dos citados autores, a pesquisa se deu através de artigos e livros sobre dominação masculina, a reprodução da dominação masculina

no esporte, na educação física escolar, e a percepção de meninas sobre as relações de gênero em atividades esportivas.

O estabelecimento de relações entre variáveis é característico da pesquisa descritiva. São incluídas neste grupo característico as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Segundo Gil (2017) também serão pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis.

O poder não possui uma identidade própria, mas está distribuído em toda estrutura social. O autor de maior peso neste trabalho é Pierre Bourdieu, sociólogo francês com vasta produção na Sociologia Contemporânea, incluindo contribuições na área de sociologia do esporte.

O **objetivo geral** deste trabalho foi examinar o decurso de dominação masculina e a inserção feminina no esporte, e seus efeitos na prática da educação física em ambiente escolar, considerando as discussões presentes na literatura existente. Acredita-se que a dominação masculina não apenas produz obstáculos à inserção feminina no campo esportivo, como também reproduz tal situação na prática escolar.

Um rol de **objetivos específicos** foi elaborado a partir da revisão bibliográfica realizada: - descrever como se opera a dominação masculina na perspectiva de Bourdieu;

- conceituar os tipos de capital (cultural, social, econômico e simbólico);
- descrever a escola como espaço de reprodução das desigualdades;
- apontar estudos sobre gênero na educação física escolar;
- identificar como a dominação masculina no esporte reproduz as desigualdades de gênero e a discriminação contra a mulher na prática da educação física escolar.

Antes de prosseguir, julga-se pertinente, sinteticamente, apresentar uma justificativa do percurso que conduziu à investigação dessa temática. O interesse pessoal foi despertado por meio da observância e da vivência da prática esportiva no ensino infantil nas atividades entre meninos e meninas. As meninas dançavam ballet e os meninos lutavam judô, não havia aulas de educação física mistas na grade curricular.

No decorrer da educação básica, frequentei outras escolas, e, novamente, presenciei situações em que os meninos e meninas não podiam participar juntos na

mesma modalidade. O esporte que mais me impressionou durante a minha trajetória acadêmica foi o futebol. Este, era incentivado apenas para os meninos, que tinham preferência na escolha dos times e deixavam as meninas por último, que muitas vezes, nem sequer eram escolhidas.

Presenciei aulas em que as meninas queriam jogar, mas, o professor deixaria apenas se tivessem alunas suficientes para montar dois times e jogarem sozinhas, e se isso não fosse possível tínhamos que optar por esportes considerados mais “leves”, como vôlei ou queimada.

Ao ingressar no ensino superior, na Faculdade de Educação Física, tive na grade curricular disciplinas e educadores que proporcionaram debates e conversas sobre a questão de gênero na escola. Nesses momentos de trocas de experiências muitas outras colegas também relataram a separação que vivenciaram durante a educação básica.

Os relatos em sua maioria eram sobre a preferência que era dada aos meninos na escolha da quadra ou até mesmo de só eles fazerem uso dos espaços disponíveis quando havia apenas uma quadra, por exemplo. Outra reclamação foi o favoritismo entre os meninos quando a aula era mista e os alunos tinham que escolher a equipe deixando as meninas por último.

Durante os estágios obrigatórios do currículo da Licenciatura, vivenciei aulas na creche, no ensino fundamental e no ensino médio. Em todos os estágios observei modalidades separadas entre meninos e meninas na grade curricular. Na creche, a reprodução da mesma situação que vivenciei na educação infantil, meninas faziam ballet e meninos praticavam judô.

No estágio do ensino fundamental, o aquecimento das aulas era em conjunto, mas, a atividade principal era dividida entre meninos e meninas. O estágio do ensino médio acontecia no contraturno das turmas, e os alunos escolhiam uma modalidade esportiva para praticar, sendo pré-estabelecido nos horários a separação das práticas entre meninos e meninas.

Ao cursar a disciplina Fundamentos Socioantropológicos da Educação Física pude conhecer melhor os conceitos de gênero e a lógica de reprodução da dominação masculina conceituada por autores como Pierre Bourdieu (1998), e foi possível compreender um pouco mais a fundo as raízes da legitimação de comportamentos na sociedade, gerando ainda mais interesse de entender como

esses comportamentos refletem na prática esportiva escolar, questionar a reprodução de estereótipos e buscar estratégias para fazer a diferença na prática.

Acredito que para fazer a diferença e proporcionar equidade, tem-se uma longa caminhada de conhecimento e reconhecimento de padrões enraizados, mas através de estudos, debates, reflexões entre os profissionais da área, ainda conseguiremos proporcionar tanto para homens quanto para mulheres uma prática esportiva igualitária, valorizando os esforços, qualidades e talentos de cada um, independentemente de seu gênero.

## CAPÍTULO 1: TEORIA DE GÊNERO

Antes de adentrar no tema proposto neste Trabalho de Conclusão de Curso é de extrema importância, destacar alguns importantes tópicos que permeiam este trabalho de conclusão de curso.

### 1.1 Gênero versus sexo

Factualmente, no dicionário português a palavra gênero reflexiona entre masculino, feminino e neutro. Constitui imagens da sociedade. Tem origem grega e vem do latim *genus*. Gênero é um assunto bastante discutido na sociedade moderna e que se encontra em construção e requer maior visibilidade no ambiente escolar, acadêmico e de vida. É uma invenção histórica, simples, natural e que é representada pelo corpo.

Por muito tempo a caracterização de diferença sexual foi compreendida em termos de conceitos biológicos. Nesse contexto, o sentido de gênero estabelecia automaticamente a ligação ao sexo como categoria única que regulava os papéis sexuais dos cidadãos, reforçando, por conseguinte, a convicção na inferioridade feminina vis-à-vis à superioridade masculina.

No século XX, o conceito de gênero, passou a ser teorizado, através das críticas feministas que procuravam entender as causas da opressão feminina, como diretamente oposto ao de sexo, que retinha o referente biológico e determinista das relações de gênero.

Em se tratando de sexo, o homem é julgado um sujeito provido de maior agilidade e força, enquanto as mulheres são destinadas à realização de outras tarefas, como o plantio e colheita, por demonstrarem ser mais frágeis, cuidadosas, zelosas e sensíveis.

Para Thébaud (2007) o termo “sexo” é referente a natureza e diferenciação biológica entre homens e mulheres, enquanto o termo “gênero” diz respeito à classificação social e cultural entre o sexo feminino e o masculino”, podendo este mudar de significado de acordo com a época e a cultura.

A proposta da autora é entender gênero como “meio discursivo/cultural pelo qual a 'natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-

discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura" (BUTLER, 2003).

Ou seja, a construção do gênero envolve a naturalização do sexo, como se este pudesse existir independentemente de uma concepção binária de homem/mulher, masculino/feminino. Bourdieu (1998) vai ao encontro dessa ideia ao afirmar que "o mundo social constrói o corpo como uma realidade de gênero e como um repositório de princípios de visão e divisão. Essa percepção se aplica a todas as coisas do mundo e, em primeiro lugar, ao próprio corpo".

Se o sistema sexo-gênero (...) é um grupamento de relações sociais que se mantém por meio da existência social, então o gênero é efetivamente uma instância primária de ideologia, e obviamente não só para as mulheres. Assim, mesmo sem perceber são vítimas e incorporam os ideais aos quais são submetidas (LAURETIS, 1994).

De acordo com Louro (2012) ainda que pareça óbvio afirmar que "o corpo feminino se constrói de maneira diferente do corpo masculino, essa construção se dá reproduzindo valores e padrões adquiridos na convivência social". Vale lembrar que, há uma enorme variação desses padrões de sociedade para sociedade num mesmo período histórico, ou num mesmo grupo social ao longo de um período de tempo.

Platão relaciona o conceito natural de sexo em animais para demonstrar que a diferença do papel social da mulher em qualquer polis não se dá em função do sexo, mas em função do gênero, e por isso trata da questão da educação como fundamental. Notamos que Platão, partindo da natureza dos animais, começa a demonstrar que não há diferenças naturais entre o masculino e o feminino: "as fêmeas dos cães de guarda, entenderemos que devem exercer vigilância com eles, como os machos, e caçar com eles, e fazer tudo o mais em comum" e, portanto, "tem de se lhes dar a mesma instrução" (DAOLIO, 1997).

Platão mostra, desta maneira, que a diferença do papel social da mulher em qualquer polis não se dá em função do sexo, mas em função do gênero, e por isso trata da questão da educação como fundamental para não se afastar da natureza do anthropos (homem)". Voltando, portanto, à natureza do homem, vemos que não há diferença entre o masculino e o feminino e que, portanto, uma educação igual a todos não se afasta da sua natureza, mas "as leis atualmente existentes é que são antes contra a natureza" (DAOLIO, 1997).

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e o estimulam aos primeiros chutes. Em torno de uma menina, quando nasce, para toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, ao invés de bolas, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujarem, não suarem (DAOLIO, 1997).

As diferenças de gênero estabelecem desde cedo que as meninas são instigadas a serem mais dóceis, compreensivas, cuidadosas, e os meninos a serem corajosos, másculos e, por conseguinte, dominadores.

## 1.2 Desigualdades de gênero

É notório que na sociedade humana sempre existiu e existirá processos responsáveis por ser um lugar de conspiração e que muitas vezes precisam ser respeitados na vida privada, no qual, há imposição de homens sobre mulheres, em especial, companheiros sobre as companheiras.

O debate acerca da distinção do que é sexo, enquanto algo biológico, e gênero, enquanto uma construção social, tornou-se mais efetivo nos últimos anos e, a partir disso, percebeu-se um problema epistemológico, envolvendo essa dicotomia, entre o que é natureza e o que é uma construção humana (TANRIKULU, 2017).

De modo que, a divisão entre os sexos engloba a ordem das coisas, da naturalidade, do normal, do inevitável, em todo o mundo social, nos hábitos, nos sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. Como diz Bourdieu (1998), a força da ordem masculina “se evidencia no fato de que ela dispensa justificção, impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”.

Segundo o autor citado acima, o “mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de dogmas de visão e de divisão sexualizantes”. No qual, a diferença biológica encontra-se na anatomia entre os órgãos sexuais, na questão de honra, de virilidade física, de potencial sexual.

De certo, numa sociedade assinalada as desigualdades sociais, o direito das mulheres e da cidadania feminina interferem pelo período em que o ser mulher era

sinônimo de fragilidade e devoção ao homem, essa desigualdade que fora erguida pela supremacia masculina desde muitos anos atrás.

A dignidade da pessoa humana compreende um direito legítimo no que concerne o respeito ao próximo. Todo ser humano tem um valor, este deve ser respeitado por todos os demais seres. Inspira valor, respeito, amor ao próximo, à vida e que se faz presente em todo ser humano. É um atributo criado, sentido, desenvolvido e estudado pelo homem.

Tem relação com o respeito, com a humanidade, com a racionalidade, ou seja, reconhecer que o outro é humano, respeitar a coletividade e ter cordialidade. É uma condição social, econômica, cultural e política. Contribui valor que atrai a realização dos direitos fundamentais do homem, como a democracia. A democracia é um regime político adotado no Brasil que propicia a efetividade dos direitos, ou seja, dignifica o homem, na sua dimensão e o humaniza.

## CAPÍTULO 2: BOURDIEU E A DOMINAÇÃO MASCULINA

Pierre Bourdieu busca ver como a estrutura de dominação se estabelece, se naturaliza e se eterniza. De acordo com o sociólogo, a dominação se apresenta nas estruturas de pensamento, isto é, os esquemas de visão, percepção e atuação no mundo, e legitima o que acontece na sociedade. O sociólogo então questiona a historicização do que parece natural, a partir de uma lógica androcêntrica. Observa-se que:

A força da ordem masculina se evidencia no que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos (BOURDIEU, 1998).

Ao trazer este conceito para a realidade das aulas de Educação Física, percebemos a ação da ordem masculina ao excluir as meninas dos espaços e atividades “mais nobres”, como por exemplo o uso da melhor quadra, a escolha do “melhor” esporte, a liderança na escolha dos integrantes dos times desportivos.

A vida em sociedade se sujeita a uma multiplicidade de regras de convivência que surgem naturalmente das múltiplas interações sociais que nela se processam. Sob outra perspectiva, antes do surgimento do Estado, não havia quem interviesse na forma de vida, na conduta dos indivíduos, nas relações sociais. As pessoas gozavam de plena liberdade” (TANRIKULU, 2017).

Para Bourdieu (1998), na ocasião em que o cidadão renunciou a uma parcela de sua liberdade que o Estado surgiu, o que ocasionou uma troca da liberdade pela proteção de bens jurídicos relevantes. “As condutas relevantes para serem eleitas como danosas ao convívio, devem respeitar o momento histórico-cultural de determinada comunidade e adequar-se razoavelmente ao contexto histórico”.

“O homem nasce bom, é a sociedade que o corrompe”, de acordo com Jean Jacques Rousseau (1712-1778), isso acontece porque o indivíduo passa a viver em função das exigências e padrões determinados pela sociedade, na qual, cada ser, passa a alcançar e seguir seu objetivo, seu padrão de vida e exigências, tornando-se a humanidade desigual e preconceituosa.

Para compreender como se dá a violência simbólica e a dominação masculina no esporte, faz-se necessário reconhecer alguns conceitos base do referencial teórico de Bourdieu. Entre eles está a significação de “habitus” e a teoria dos campos, que segundo o autor, possuem uma cumplicidade ontológica entre seus significados.

De acordo com Bourdieu, “habitus” é o produto da experiência individual e social, que funciona como um esquema de percepção dos agentes, decorrente das estruturas sociais e históricas de cada um dos campos e agentes. (BOURDIEU, 2004). Este esquema se desenvolve incorporando estruturas exteriores e exteriorizando as resoluções incorporadas. Trabalha com probabilidades e possibilidades de ação humana, seja no estilo de vida, nos gostos, nas coisas.

Segundo Ortiz (1983), “O *habitus* tende, portanto, a conformar e a orientar a ação, posto que ele próprio como produto das relações sociais assegura a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendram”.

O sociólogo base do referencial teórico deste estudo é o francês Pierre Bourdieu, em especial, seu livro titulado “Dominação Masculina” com data de publicação de 1998. Para este, a análise dos comportamentos reproduzidos não pode ser realizada sem considerar os fatores e estímulos externos do campo social, dessa forma, estão atrelados os conceitos de campos e hábitos. A incidência de constitui os campos, na mesma medida que os campos os estruturam, veja que:

É necessário compreender o campo em que os *habitus* estão inseridos para fazer uma análise, em especial, no esporte. É necessário observar o espaço no qual estão englobados e relacionar esse espaço com o social que se manifesta nele (BOURDIEU, 2004)

Para retratar a questão da violência simbólica, pode-se citar alguns cenários práticos em que está é percebida nas estruturas sociais, como por exemplo, a divisão sexual do trabalho, que se produz como efeito automático, e sem agente, de uma ordem física e social inteiramente organizada segundo o princípio de divisão androcêntrico.

Tantos os homens quanto mulheres são alvo da violência, objetos de expectativas de uma construção simbólica histórica enraizada na sociedade. A reprodução se dá pelos homens e pelas instituições: Família, Escola, Igreja e Estado.

A prioridade que é dada aos homens advinda dos ideais androcêntricos se estabelece nas estruturas sociais a partir de percepções e pensamentos comuns universalmente a todos os membros da coletividade e oportuniza ao sexo masculino condições de superioridade às das mulheres nos mais variáveis setores da vida humana.

As mulheres vítimas nos esquemas de pensamento androcêntrico se submetem às relações de poder que lhes são impostas, de tal forma que, o próprio reconhecimento de sua posição não é nitidamente visível. Nisto, se dá a violência simbólica, quando seus atos são reproduzidos sem o carecimento de discernimento e questionamento de suas raízes. Para Bourdieu, o entendimento de violência simbólica é oposto ao real, como se fosse meramente “espiritual”, sem efeitos reais e perceptíveis às vistas. Veja:

É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação. (Bourdieu, 1998)

O autor sublinha que, a teoria materialista da economia de bens simbólicos visa destruir fazendo ver a teoria da objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação. Com isso, a violência simbólica se dá como um modo de repressão, fundado no reconhecimento implícito de uma ordem determinada de crenças (econômicas, sociais ou simbólicas) advindas do processo de socialização, que leva o sujeito a posicionar-se conforme os padrões do discurso dominante, legitimado por meio do exercício do poder.

O recebimento de salários inferiores em relação aos homens em esportes de alto nível e a menor visibilidade em conquistas em esportes considerados “masculinos” são outros indicadores do reflexo do machismo.

Destaca-se o campo como um recinto social de disputas dos capitais e concorrência entre dominantes, os detentores do poder simbólico, e dominados, agentes que utilizam de estratégia para obter acesso aos objetos de interesse do campo. O que define a posição de cada agente no campo é a força, ou seja, o poder que cada agente detém.

De acordo Bourdieu (2007), os espaços sociais produzem formas de interesses específicos, não necessariamente interessando a um campo social distinto, conferindo autonomia aos campos. No entanto, Bourdieu sistematiza leis

gerais de funcionamento dos campos, a partir de normas de funcionamento invariantes, que possibilitam o aprendizado de determinado campo a contar da análise de outros campos.

A partir da consolidação desses conceitos base, Bourdieu aborda o esporte moderno. O sociólogo caracteriza o campo como espaço social ocupado pelos fenômenos esportivos, em que as posições são compatíveis com o capital social, econômico ou cultural de cada agente. O objetivo dos agentes na disputa do campo é o aumento da distinção social, a partir do acúmulo do poder simbólico. É de interesse do dominante excluir a concorrência do campo, enquanto o dominado tenta adquirir poder para transformar ou conservar a estrutura das relações sociais.

Para Gould (1999), sempre existirá “a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. É durante a segunda onda do feminismo que o significado de gênero começa a ser problematizado, e questiona-se a diferença entre gênero e sexo. Ao rejeitar o determinismo biológico, as feministas visam evidenciar o caráter fundamentalmente social das distinções entre o masculino e o feminino.

O poder deve ser examinado como algo que circula, ou melhor, que só atua em cadeia. Nunca está situado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é oportuno como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de delegação. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 2018).

O poder estabelece o que é permitido, o que é proibido, além de induzir, desviar, incitar, facilitar, ampliar, limitar, coagir, impedir, sempre tendo como consequência, a dominação e resistência sobre outrem. Em consonância, o autor citado acima descreve que o poder na vida humana é colocado em conexões de resultado e de significação, em relações muito complexas.

Assim, o poder atua como uma força coagindo, disciplinando, penetrando e controlando os indivíduos e a vida cotidiana. É uma ação, principal manutenção das relações econômicas, de força.” O poder frutifica, implementa estratégias nas íntimas relações que são traçadas na sociedade e em cada ser humano que a compõe” (FOUCAULT, 2018).

Nessa liberdade, o ser humano é “livre, no qual é indispensável que exista sempre o poder dos dois lados, pelo menos uma certa forma de liberdade, sendo o

diferencial” (FOUCAULT, 2018). O poder atual sobre o homem por meio da disciplina e da relação assimétrica entre os indivíduos. Veja-se:

O cidadão é parte do exercício do poder e não há possibilidade de se esquivar dele. O viver em comunidade é viver de modo que seja plausível alguns homens agirem sobre outros, não existe uma sociedade sem poder. Todos estão preocupados em conquistar e garantir direitos individuais, liberdade de escolha e o que desejam (SOBRINHO, 2021).

De suma importância dizer que o poder é indissociável e constitui um tema enraizado, engendrando o saber, diante do saber como conhecimento, que é uma maneira de poder, trazendo isso para o Direito por exemplo para defender uma tese é uma relação de poder, firmando um trabalho constante do pensamento e das ações humanas, sendo que o homem é sujeito ativo e passivo do poderio.

O aspecto biológico do corpo não é negado, porém, os aspectos da construção social e histórica de cada indivíduo são fundamentais para a identificação do gênero para além dos órgãos que identificam o sexo. Ou seja, o aspecto social está sobreposto à característica biológica do corpo.

De modo que onde existe o poder, encontra-se constância, distribuição de pontos móveis e transitórios por toda a estrutura social de uma comunidade, visto que, o poder não é uma coisa que se detém, mas, que, finda-se nas relações humanas.

Portanto, o capital simbólico reflete aos demais meios sociais e baseia-se no reconhecimento coletivo. É flexível, pode ser alterado a todo momento, negativo, positivo. A metodologia de ensino embrenha a questão por ser tornar fonte de violência simbólica, por representar a dinâmica da sociedade. A instituição de ensino elege e menciona uma cultura, dita “legítima” e diante disso designa ensinar uma cultura, esquecendo-se da pluralidade cultural. E essa é escolhida pela sua superioridade no meio social. Quando um saber é valorizado em detrimento a outro, ele se torna legítimo.

## 2.1 A noção de Capital em Bourdieu

Para Pierre Bourdieu a Dominação Masculina encontra-se em capital econômico (renda, salários, imóveis), cultural (saberes, conhecimentos), social (convivência social) e o simbólico (prestígio, honra), abaixo serão descritos:

### *Capital econômico*

O capital econômico e o cultural se complementam e causam distinção entre os indivíduos ao tempo que certificam sua distinção. São fontes da reprodução social e ferramentas, da classe dominante. Os capitais são utilizados como configuração de dominação, mas passam despercebidos, dado que eles são legitimados pela sociedade, numa aparente meritocracia.

Certo que, este tipo de capital encontra-se baseado no materialismo, nos bens, por fatores de produção, trabalho, patrimônios, renda, entre outros. É importantíssimo no cotidiano da sociedade, pois, “abre oportunidade para que os cidadãos participem e engajem em redes estabelecidas focadas no dinheiro” (BOURDIEU, 1998).

A riqueza é peça essencial neste tipo de capital. Exige força mental e prestígio de natureza, objetivando benefícios materiais. Traz fatores de produção como terra, fábrica, trabalho e ativos econômicos como renda, dinheiro, posse e bens materiais. É retratado por meio de estratégias de investimento econômico e manutenção de relações sociais (BOURDIEU, 2008).

Entretanto, nem tudo é focado na coletividade, nesta categoria, visa também o interesse pessoal juntamente com as relações de investimentos e benefícios econômicos.

### *Capital cultural*

Para Bourdieu (1998), capital cultural teve objetivo inicial de esclarecer o fracasso e o sucesso escolar dos estudantes, tendo em vista que, “a classe social induz diretamente na cultura do aluno, no aprendizado e na linguagem,” em virtude de o ser humano ao adentrar seu processo escolar leva consigo uma gama de conhecimentos pertencentes a sua família, comunidade e contexto social.

Dogmaticamente, pouco ou quase nada das competências gratificadas pela escola como não herdadas poderá ser angariada pelo aluno na jornada e na experiência escolar, bem como, apenas pode ser mais facilmente exibido por alunos pertencentes a classes dominantes, devido a sua sociabilização familiar e grupal. (BOURDIEU, 1998)

Como diz Bourdieu (1998), a escola não “ampara a cultura dos diversos grupos sociais que nela compõem, não sendo neutra com sua prática voltada para o

etnocentrismo que finda com a cultural”. Assim, pode-se dizer que, muitas vezes, o ambiente escolar se faz um agente da violência simbólica, tendo em si, poder arbitrário cultural.

Para Bourdieu (2008), é claramente certo que condiciona a um estilo de vida, vai além da noção de capital, mas, como conhecimento informal que se constitui a partir dos costumes e hábitos de cada sociedade e grupo social, estar conectado à biologia da pessoa, englobando todo processo de socialização.

O capital cultural compatibiliza com conjuntos de conhecimentos, habilidades, qualificações intelectuais, que por vezes, é adquirido ao longo da vida do ser humano, por meio do estudo, do conhecimento, do saber. Visa valores familiares, títulos acadêmicos, obras de artes (BOURDIEU, 2008).

Por fim, a sociedade moderna é composta pelo poder disciplinar, no âmbito dos indivíduos, e estatal no coletivo, tornando-se soberana. Ou seja, uma força em quem o detém, ou exerce e o mantém. Certo que, o domínio é por si só algo que gere uma ação de adestramento, servidão e docilidade do sujeito com a utilização da punição e vigilância, estratégia de moldar comportamento humano.

### *Capital social*

Bourdieu ao retratar o capital social elenca três aspectos: constitutivos, participação em grupos ou redes e modelos de reprodução. O elo entre os três são as redes de relações sociais, que permitem aos indivíduos ter acesso aos recursos dos membros do grupo ou da rede e interconhecimento mútuo.

Este capital não é um atributo dos indivíduos, mas um aspecto dependente do contexto e da estrutura social, isto é, inerente à estrutura das relações entre dois ou vários participantes. “Só ocorre nas relações humanas e por meio de trocas que facilitam a ação de cidadãos” (BOURDIEU, 2008).

O capital social conjuga-se a agregação de recursos atuais ou potenciais, relações de amizade, confiança, redes de relacionamentos, envolvendo a manutenção destas e findando-se na socialização, por meio do cuidado para com o próximo (BOURDIEU, 2008).

Por conseguinte, o capital social circunda a monitoração das relações sociais que integram tanto individual quanto o coletivo, constituindo-se pelo processo de socialização; isto é, pela rede de relações mais ou menos institucionalizadas de

agregação de agentes que não são dotados de caracteres comuns unidos por ligações constantes de utilidade.

### *Capital simbólico*

Em observância aos capitais, percebe-se que existe uma dominação do capital econômico para com os demais, já que, tendo capital econômico há facilidade para a obtenção do cultural, do social e do simbólico.

De modo que, o coração do homem em qualquer tempo, sociedade, volta-se constantemente para o ter, o querer, o realizar, e isso, muitas vezes, torna-se parte da sobrevivência. É necessário trabalhar para dar o sustento familiar, educação, cultura.

Um indivíduo é visto na sociedade como alguém que precisa ter, ser, para ser aceito na sociedade, graças à manutenção de certos sinais de riqueza, ter sobrenome reconhecido. De certa maneira, prestígio, reputação, satisfação, amor próprio, aprovação perante ao outro. A maior baixeza do ser humano é a caça pela glória. (BOURDIEU, 2008).

Para Bourdieu (2008), este capital é descrito como “propriedade (física, econômica, cultural, social), cuja divisão se faz buscando reconhecimento (o que o outro pensa), atribuição de valor, honra ou desonra”. Em simples palavras, prestígio à boa reputação na sociedade em geral.

É interessante descrever que, o capital simbólico é uma dominação de poder e força na vida das pessoas, na medida em que, está ligado ao próprio sentido da vida, de cada situação, espaço social, tradições. Ora ou outra, utiliza-se estratégias de hierarquização, de poder, de estrutura social e de violência simbólica.

O campo simbólico reside na possibilidade de ordenar o mundo natural e social por meio de discursos, mensagens e representações que simulam a estrutura real de relações sociais.

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que estabelece uma ordem, um sentido, um espaço, a dominação, a cultura que une, separa. É uma maneira transformada de descrever a existência de força, de comunicação, de transfiguração, capaz de produzir efeitos reais (BOURDIEU, 2008).

A violência e o campo simbólico consistem no poder de imposição que se dá por significações, domínios, censura de outros modos de observar e viver o mundo, objetivando a dominação social, de raça e gênero. No caso da dominação

masculina, é atribuído na posição de superioridade, na neutralidade, na legitimidade, na ordem natural e inevitável do viver.

Seria o amor puro, a única e preciosa grandeza que baseia a lei de dominação masculina, simbólica que caracteriza este campo? Já que o amor é a doação de si e do corpo para o outro, é instrumento, objeto, contribuição inestimável e inesgotável à compreensão de resistência à autoridade do homem sobre a mulher como forma simbólica de superioridade na sociedade (BOURDIEU, 2009).

De acordo com o autor citado acima, o amor suplica o elemento a uma nova conduta frente ao outro, a ser sujeito amoroso, que só pode lograr a reconexão de um outro sujeito, mas que abdique, como ele o fez, da intenção de dominar.

Diante o exposto, Bourdieu conclui que por mais que o homem tenha bem na terra, saúde, conforto essencial, somente encontra-se satisfeito se contar com a aceitação e aprovação do outro, buscando atender as demandas externas, envolvendo assim, a dominação, a dependência.

## CAPÍTULO 3: FEMINISMO E A INSERÇÃO DAS MULHERES NO ESPORTE

### 3.1 História do feminismo

O movimento feminista se inicia no século XIX, na Inglaterra, com as “sufragetes” que realizaram diversas manifestações e greves de fome nas ruas de Londres pela luta dos seus direitos, incluindo o direito ao voto. No Brasil, em 1910, o movimento se manifestou pelo mesmo propósito, liderado pela bióloga Bertha Lutz.

A luta pelo direito ao voto ficou conhecida como “três ondas do movimento”, por terem ditas três fases. A primeira, teve início no século XIX, em 1848 e ficou conhecida como “sufragismo”.

As “sufragistas”, como eram chamadas em Londres, realizaram inúmeras manifestações, em uma delas, a feminista Emily Davison atirou-se em frente a um cavalo em uma das famosas corridas de Derby em 1913. No Reino Unido, o direito ao voto foi conquistado em 1918.

No Brasil, **a primeira onda no feminismo (século XIX – XX)** foi marcada pelo direito ao voto (mulheres lutavam pela conquista dos direitos políticos), em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. Bertha Luz, bióloga e uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderou o movimento feminista no Brasil depois de ter estudado no exterior e voltado para o Brasil na década de 1910.

Outro movimento importante na primeira onda do feminismo no Brasil foi o movimento das operárias (1918 Em São Paulo e em 1919 no Rio de Janeiro) de ideologia anarquista, que se reuniram na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”. “Se refletirmos um momento, veremos quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes” (PINTO, 2010).

A reivindicação por direitos humanos para as mulheres, está limitada aos marcos históricos da Revolução Francesa e de seus ideais. As contradições de uma revolta que prega “igualdade, fraternidade e liberdade” e não assegurava isso concretamente para a categoria trabalhadora.

Assim, foi no século XIX, na Inglaterra que os valores femininos começaram a ser reconhecidos, reivindicavam-se a igualdade jurídica, o direito ao voto e o acesso

à instrução e as profissões liberais. A sociedade se vangloriava de ser liberal, mas sujeitava a mulher privando-a do direito de cidadania.

Pela luta da liberdade, destaca-se o movimento feminista que, tem como marcos iniciais no final da década de 60, onde eclodiam grandes discussões da temática nos EUA e na Europa. Um grande marco histórico do movimento feminista, foi o protesto que ficou conhecido como a queima os sutiãs, do qual as mulheres ativistas do movimento Wolman's Liberation Movement dos EUA, pretendiam colocar fogo em objetos como sutiãs, maquiagens, espartilhos e outros que impunham a indução de uma ditadura da beleza, durante o concurso de Miss American. Entretanto, tal queima dos sutiãs não ocorreu literalmente, pois o local do concurso não se tratava de um recinto público, impedindo que o ato fosse consumado. Porém, com a ajuda da mídia, a atitude dessas mulheres teve uma repercussão a nível mundial, que, trouxe consigo uma grande reflexão da questão de gênero, representando uma grande influência pelo mundo, onde este ato simboliza uma abertura da liberdade feminina (POVOLETO, 2013)

De acordo com Pinto (2010), o movimento inicial do feminismo perdeu sua força em 1930 nos países da Europa, dos Estados Unidos e do Brasil. Mais tarde, na década de 1960, o movimento ganha força novamente na segunda onda. Nesse intervalo de tempo, em 1949, foi publicado o livro “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, que influencia os estudos feministas até os dias atuais.

No final da década de 1960 iniciou a **segunda onda do feminismo (1960-1980)**, com maior ênfase no plano social e político, com as mulheres reivindicando seus direitos e igualdades, despertando visão democrática e redemocratização. Neste período, o movimento se volta também para as construções teóricas. Segundo GOULD (1999) o corpo se torna objeto de estudo em 1970.

O movimento feminista, na segunda onda, passa a tratar de temas relacionados à opressão da mulher, a sexualidade, a construção cultural de gênero e dominação com foco nas relações de poder entre homens e mulheres, expondo sobre questões de discriminação, desigualdades culturais e estruturas sexistas. É personalizada pelo começo dos questionamentos voltados ao gênero, opressão do sexo feminino e a reflexões acerca do sistema patriarcal. (MIGUEL, 2014).

Nesse mesmo tempo, os estudos feministas abordam conceitos de gênero rejeitando o determinismo biológico, perspectiva teórica que suporta a abstração de que as “normas comportamentais compartilhadas bem como as diferenças sociais e econômicas existentes entre os grupos humanos – principalmente de raça, classe e sexo – derivam de distinções herdadas e inatas”.

É durante a segunda onda que o significado de gênero começa a ser problematizado, e questiona-se a diferença entre gênero e sexo. Ao rejeitar o determinismo biológico, as feministas visam evidenciar o caráter fundamentalmente

social das distinções entre o masculino e o feminino. O aspecto biológico do corpo não é negado, porém, os aspectos da construção social e histórica de cada indivíduo são fundamentais para a identificação do gênero para além dos órgãos que identificam o sexo. Ou seja, o aspecto social está sobreposto à característica biológica do corpo.

Em seu livro, Beauvoir (1949) estabelece uma das máximas do feminismo: “não se nasce mulher, se torna mulher”. A autora afirma que, ao contrário do homem que já nasce "Sujeito", a mulher precisa “tornar-se” mulher, mediante ao desempenho de papéis sociais que constatem sua feminilidade por meio do casamento, da maternidade, da passividade e da disciplina do seu corpo.

“Da pessoa nascida sob o sexo feminino são exigidas “confirmações de feminilidade” ao longo de toda a vida, um constante “controle de si a que a mulher é obrigada”” (BEAUVOIR, 1949 OU 2019), a feminilidade é então propagada como um ideal que perpetua a desigualdade entre homens e mulheres, mantendo-as como “o segundo sexo”.

A tese de Beauvoir marca uma fase de resgate da identidade feminina, precedendo a formulação do conceito de gênero, intenciona refutar teorias anteriores sobre diferenças biológicas, psíquicas e econômicas que justificam a desigualdade entre homens e mulheres, implicando na subjugação das mulheres e na imposição da feminilidade, o conjunto de ações e papéis que as fazem “tornar-se feminina”.

À vista do conceito de Simone de Beauvoir, partindo do pressuposto de que os papéis são construídos socialmente e culturalmente, a desconstrução do determinismo biológico deixa de se tornar a causa da desigualdade entre homens e mulheres, dado que, estes podem mudar e escolher quais papéis sociais constituirão. Isso, claro, em teoria.

Destaca-se que, na década de 60 transcorreu importantes eventos para o avanço da desconstrução das desigualdades, por exemplo, no mundo ocidental, os Estados Unidos ocorreram a Guerra do Vietnã, envolvendo um grande número de jovens e, assim como em outras guerras, as mulheres acabam tomando posições que antes eram exercidas pelos homens.

O movimento Hippie surge também nessa época, na Califórnia, com uma proposta de um novo estilo de vida com o grande lema conhecido até hoje, “paz e amor”. A invenção e o lançamento da pílula anticoncepcional nos Estados Unidos e

na Alemanha reforçam a quebra de métodos tradicionais e ajudam as mulheres no controle de suas vidas sexuais e planejamento de família. Se antes as mulheres eram educadas para exercer o papel da maternidade, agora se apoderam do poder de escolha de ter ou não filhos. Essa é uma discussão presente até os dias atuais, mas que foi de grande avanço na luta feminista em favor de seus direitos.

O movimento “Maio de 68” aconteceu em Paris, na Universidade de Sorbonne, cenário em que jovens de diversos países, protagonistas do movimento estudantil, questionam as estruturas sociais estabelecidas e refletiu em todo o mundo com a mobilização de aspectos políticos como a democratização e a defesa das liberdades individuais ou coletivas. De modo que, contribuiu para transformações políticas e sociais na defesa de liberdades civis democráticas, como a causa da luta feminista, a liberdade sexual, a luta racial contra a desigualdade entre negros e brancos, o direito de imigrantes, entre outros, dando voz às minorias.

Decerto que, neste período ocorreram diversos movimentos arredores de Paris em prol de reivindicações sobre estruturas sociais em que a sociedade vivenciava na época, como por exemplo, a guerra fria, a bipolaridade política, o capitalismo, o sistema de globalização, tendo como palavras marcantes: rebeldia, resistência e revolução.

Somos sujeitos constituídos pelo discurso, pelas normas e regras que se formam e pelas ferramentas que vão sendo consideradas como “naturais” e que ele proporciona para a composição de nossa maneira de pensar e de agir no mundo, com o outro e conosco (FOUCAULT, 2018).

A contribuição do movimento estudantil engloba transformações políticas e sociais na defesa de liberdades civis democráticas, como a causa da luta feminista, a liberdade sexual, a luta racial contra a desigualdade entre negros e brancos, o direito de imigrantes, entre outros, dando voz às minorias. Enquanto isso, o Brasil viveu um momento de forte repressão política no ano de 1964.

A **terceira onda** tinha como foco as demandas do movimento negro, homossexuais, transexuais, lesbianismo, quebrando paradigmas tradicionais da sociedade passada, nascendo uma nova visão da sexualidade com a autonomia, liberdade e valorização da mulher, mitigando dessa forma as relações de desigualdade entre os gêneros. Nesse período, “a mulher ingressou na política, corou espaços profissionais exclusivamente conferidos antigamente aos homens” (WOLLSTONECRAFT, 2016).

Assim, o sexo feminino conquista a liberdade de expressão do pensamento, seu direito a voto, seu alistamento na política, imputando cargos importantes na esfera dos três poderes (legislativo, judiciário e executivo), trabalhando ativamente em construções, como motoristas. “O direito sobre o seu próprio corpo, a sua sexualidade o direito de decidir sobre a contracepção, esterilização, abortos previstos em lei e opção sexual” (WOLLSTONECRAFT, 2016).

Interessante dizer que, nesta onda (terceira) as mulheres juntas buscam por melhorias e que a vida de uma é como se fosse de todas, como se “vivessem as mesmas situações, opressões e dificuldades diárias. Uma pluralidade feminina” (MIGUEL, 2014).

Assim, percebe-se que, o foco da classe feminina sempre se voltou para questões corriqueiras na luta por igualdade, respeito, qualidade de vida, uma sociedade sem preconceito, discriminação e que busca a liberdade de expressão e da consciência social.

### 3.2 A idealização das olimpíadas e a inserção mulheres no esporte no Brasil e no mundo

No ano de 776 a.C, na Grécia Antiga, foram iniciadas as Panatenéias, evento de cunho religioso para honrar os deuses. A partir deste evento, originou-se às Olimpíadas da Antiguidade, no qual, os competidores se reuniram de quatro em quatro anos para praticar jogos e lutas. (RIBEIRO; FELIPE; SILVA et al, 2013).

Segundo Ramos apud Oliveira, Cherem, Tubino (2008), no regulamento dos jogos, as mulheres eram proibidas de assistirem e participarem sob a pena de morte, “o pretexto para a proibição no evento era a dificuldade de acesso ao local das provas, uma região muito montanhosa, que poderia acarretar em danos fisiológicos ao corpo feminino, que era considerado frágil”. Além dos danos fisiológicos, outro motivo era a veracidade que os jogos representavam: competição e momento político (na época somente os homens exerciam a cidadania por meio do voto).

As mulheres não poderiam participar dos jogos, apenas como espectadoras. Nessa época, em meados do ano de 1866, a Europa e a América adentravam à Revolução Industrial, e as mulheres no esporte não tinham visibilidade, ainda eram consideradas frágeis, destinadas apenas às atividades reprodutivas (GARTON, 2009).

Os jogos eram tidos como uma celebração atlética de força do homem, que serviam para coroar a masculinidade, enaltecendo a força, a virilidade e a coragem, preservando o domínio masculino por meio das suas proezas físicas.

Visto que, na Idade Média os eventos públicos eram outorgados apenas aos homens. Aos poucos, por volta e no decorrer do século XII, com o movimento das Cruzadas da Igreja Católica, iniciou-se a participação feminina nos jogos com bolas (como o boliche), cricket, arco e flecha, na educação e no desenvolvimento de habilidades como: leitura, caça, escrita e dança.

Em meados do século XIX, com o advento da Revolução Industrial e das guerras mundiais, as mulheres puderam exercer funções que antes eram restritas aos homens, tendo em vista que era preciso que elas fossem para guerras. Competências que antes cabiam aos homens, foram vivenciadas por mulheres, em especial, direitos sociais, igualdade, direito ao voto, independência financeira, prática esportiva e a participação em Jogos Olímpicos.

Com isso, a participação masculina é vista como algo natural, desde que o homem tenha as habilidades para competir, enquanto as mulheres, ainda que habilidosas ou não, nem sequer tinham a chance de demonstrar suas habilidades, porque a participação era considerada inconveniente.

A primeira mulher que triunfou nos Jogos Olímpicos de Anterior, na Grécia, foi a princesa espartana Kyniska, famosa por seus cavalos, representando o início da evolução das mulheres no meio esportivo. Outra mulher que venceu as Olimpíadas da Antiguidade foi Belistiche, da Macedônia, vencendo a prova de quadriga de potros da 128ª Olimpíada, em 268 a.C. A grega Stamati Revithi realizou o percurso da maratona em quatro horas e meia, tendo resultado melhor do que alguns homens. Sua corrida não foi reconhecida, porém foi um ato representativo do movimento social, um marco para a inserção das mulheres nos esportes olímpicos (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

Em 1894, em Paris, durante um congresso na Universidade de Sorbonne, Pierre (1999) expressou sua proposta de renovação dos Jogos Olímpicos. Durante o evento, não houve nem participação na discussão, nem menção da inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos, visto que o esporte era um método educacional, com o intuito de formar líderes de nações, a partir de valores como paz e justiça.

Os jogos olímpicos da Modernidade foram reestruturados pelo francês Pierre de Coubertin, em 1890. Este, foi fundador do Comitê Olímpico Internacional (COI) com o intuito de trazer ensinamentos no campo da ciência, da educação, da literatura e das artes.

Os membros do Comitê Olímpico Internacional (COI), pressionados pela inovação e pelas mudanças sociais nos papéis de gênero ocorridas no século 20, adotaram critérios de acordo com as modalidades, para definir como seria a participação das mulheres nos Jogos.

Na edição de 1904, é inserido o arco e flecha. Em 1908, em Londres, patinação no gelo também faz parte das modalidades permitidas. Em 1912, é permitida a participação na natação (COI, 2006). Em 1916, devido à primeira guerra mundial, não houve Olimpíadas.

Com o avanço das teorias feministas e da inserção das mulheres em alguns esportes, o francês Pierre de Coubertin, na época presidente do COI, ampliou seus pensamentos e reflexões sobre a participação feminina. “O sucesso das edições subsequentes dos Jogos, em 1926,1930,1934, pressionou o COI para integrar as mulheres nas Olimpíadas Modernas” (MIRAGAYA, 2002).

Em argumentação presente na Revista Olímpica, Pierre de Coubertin certificou que reconhece os direitos das mulheres a uma educação esportiva, porém, isoladas da figura masculina por razões antropológicas e culturais, e não apenas fisiológicas. Com isso, a participação masculina é vista como algo natural, desde que o homem tenha as habilidades para competir.

Em 1924, na edição dos jogos em Paris, as mulheres se inserem como participantes em modalidades consideradas esteticamente belas e sem contato físico, como golfe e tênis. A partir dos jogos de Berlim, em 1936, a crescente inserção feminina nas olimpíadas ficou mais evidente, evoluindo de 10% do total de atletas participantes naquele ano, para cerca de 41% nos jogos de 2004 em Atenas (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). Nos anos 1940 e 1944 não houve Jogos Olímpicos por causa da Segunda Guerra Mundial.

A partir de 1972, a adesão feminina nos esportes cresceu consideravelmente com o acréscimo de mulheres nas competições nas modalidades permitidas. Ainda assim, eram proibidas de participarem de alguns, como, boxe, judô, levantamento de peso, entre outros, que passaram a ser permitidos apenas na década de 1990 em diante.

O empoderamento feminino passa por vários caminhos: na sociedade, pelo conhecimento dos direitos da mulher, por sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência de cidadania e, também, “por uma transformação no conceito que ela tem dela mesma, em sua autoestima” (BRAICK, 2015).

O cenário das mulheres nos Jogos Olímpicos teve uma mudança real no ano de 1981. Sob a nova presidência de Juan Antonio Samaranch no C.O.I, após 75 anos de sua criação, Pirjo Haggman e Flor Isava-Fonseca, as primeiras mulheres, ingressaram como membros do comitê. Após esse marco na história das mulheres no esporte, o panorama nos Jogos evoluiu.

Nos Jogos Olímpicos de 1992, em Barcelona, compareceram quase três mil atletas mulheres, de 136 países, competindo em dezenove modalidades (I.O.C., 2000). Em 1994, em Paris, ocorreu a comemoração centenária da reestruturação dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, no Congresso Olímpico Centenário, onde foi dado mais um passo em direção à igualdade de gênero.

De certo que, em 1992, em Barcelona, nos Jogos Olímpicos, aproximadamente três mil atletas do sexo feminino participaram, no qual, ocorreu a comemoração centenária e cujo passo em direção à igualdade de gênero deu-se início. Anita DeFrantz, ex-remadora dos Estados Unidos, foi medalhista nos Jogos Olímpicos de verão de 1976, em Montreal. Após encerrar sua carreira como atleta, assumiu cargos administrativos em Federações e Comitês. Em 1995, Anita tornou-se presidente do Grupo de Trabalho Mulher e Esporte, atuando com o C.O.I. buscando a equidade de gênero no Programa Olímpico, e posteriormente tornou-se vice-presidente do C.O.I.

Portanto, embora as mulheres tenham saído do estágio da exclusão, causada por fatores tradicionais, e da inclusão parcial, causada pela inovação, elas ainda não atingiram seus principais objetivos de igualdade. Ainda lutam para serem respeitadas e para terem o mesmo status por serem biologicamente diferentes. As mulheres ainda têm representação baixíssima e muito poucas oportunidades em relação ao seu potencial nos Jogos Olímpicos

### 3.3 As mulheres no esporte diante da dominação masculina<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª edição. Tradução Maria Helena Kühner. Editora: Bertrand Brasil, 2002.

Compreender o ser humano é penetrar no âmago da questão da produção do poder e do saber, no qual, é formado este ser. De acordo com Bourdieu, os atos de reconhecimento do espaço entre o dominante e o dominado assumem muitas vezes a maneira de emoções corporais, como a vergonha, a humilhação, a timidez, a ansiedade e a culpa. Esses são sentimentos recorrentes relatados por meninas que deixam de participar de aulas de educação física.

Visto que, estas questões (sentimentos) estão associadas ao feminismo e as circunstâncias de serem sexos femininos na sociedade que naturalizam valores e práticas que estabelecem relação desigual entre os sexos.

O que concede a dominação masculina como a classe dominadora é a responsabilidade pela reprodução e sobrevivência da ordem por parte da igreja, da escola, da família, da sociedade, do status quo, caracterizando a violência simbólica (BOURDIEU, 1998).

O homem é destinado ao símbolo viril, forte e violento, buscando a honra e glória, colocando um poder invisível em todos os seres humanos submetidos a uma ordem androcêntrica<sup>2</sup> (tendência do sexo masculino a ser o tão e somente só modelo de representação coletiva). É claro que as diferenças biológicas entre o corpo masculino e feminino são perceptíveis a olho nu, com uma supervalorização dos pensamentos e ideias do homem.

O sexo masculino é um ser singular que se sustenta a si mesmo como ser universal, que tem o domínio, de fato e de direito, do humano, isto é, do global, que está socialmente abalizado a sentir-se portador da forma total da condição humana, repleto de poderes, faculdades, capacidades, deveres e qualidades.

O homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade e de sua essência. Nele, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologia.

Diante desse contexto, o cidadão não é dotado de total liberdade para agir à maneira com que se pretende, deve seguir leis, normas de conduta que foram instituídas por ele próprio mediante a atividade Estatal. As normas referidas são as normas jurídicas, impostas à coletividade.

---

<sup>2</sup> Androcêntrica deriva da palavra **Androcentrismo**, que é um termo descrito pelo Sociólogo Americano Lester F. Ward, com significado de respeito às perspectivas que levam em consideração o homem como foco de tudo, estando o pensamento do homem acima de todos. Segundo Garcia (2011), "o mundo se define em masculino e ao homem é atribuída a representação da humanidade".

Para Bourdieu (1998), a dominação masculina é tida como “submissão paradoxal sem questionamentos e perpetuada de todas as injustiças sentimentais”. Entre meninos e meninas o corpo é a irradiação de uma subjetividade, instrumentos de compreensão humana que por meio dos órgãos sexuais, apreendem a visão de mundo.

As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, produziu nos corpos e nas mentes a inversão da relação entre as causas e os efeitos. A violência simbólica resulta na baixa autoestima, na ausência de confiança, obediência irracional, a perda da subjetividade, demonstrando o processo responsável pela dominação masculina (BOURDIEU, 2002).

O homem é um indivíduo que pensa, reflete, contempla. “As paixões que causam com maior intensidade as diferenças de talentos são, principalmente, o maior ou menor desejo de poder, de riquezas, de conhecimentos e de honrarias. Tudo isso pode ser resumido no afã do poder, pois as riquezas, o conhecimento e as honrarias são diferentes formas de poder” (HOBBS, 2012). A grandeza da ação está na permanência. A palavra poder no pensamento político, corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. Sendo que, o poder pertence a um grupo e permanece somente na medida que o grupo se conserva unido, desaparecendo quando este desaparece.

E nas aulas de educação física não é diferente, “a dominação masculina é presente na contínua luta pela supremacia do homem defronte a mulher como um jogo paralelo” (BOURDIEU, 1998).

Visto que, existe uma forte ligação entre o universo masculino e o esporte. gostar de futebol ou exercícios pesados, jogar duro, mostrar-se rude e desprezar a dor, isto é, jogar sem se importar em ser ferido, e assim, a internalização de valores e princípios que acabam constituindo o estilo de vida e a visão de dominação do homem.

Certo que, o poder vem da astúcia ou da força, da submissão, da dominação, da propriedade e da influência. É um fenômeno social na qual somente uma vontade deve prevalecer. Tendo que poder é um ato social destaca-se que as relações de poder são assimétricas pois são desiguais e hierárquicas deixando claro quem manda e quem obedece, dificilmente o poder terá uma relação de horizontalidade.

O modo como o ser humano lida com o próximo é algo que sempre esteve presente na vida terrena. Cada pessoa é única, tem limites, fraquezas, qualidades,

temperamentos e a capacidade de lidar com o outro, passando por diversos processos.

Decerto, percebe-se com as obras de Bourdieu que a fragilidade (docilidade, delicadeza) feminina e a força (racionalidade, insensibilidade) masculina são características apreendidas, socializadas, indiscutíveis, ensinadas e passadas de geração em geração, além de serem construídas ao longo da vida humana, podendo ser a qualquer momento ou tempo alterada para uma nova história.

Numa conjuntura em que vivenciamos a crise de valores públicos e privados e da comunidade como um todo, torna-se primordial que os temas de igualdade, liberdade e dignidade humana não se encontrem apenas inscritos nos documentos/textos legais, mas que transcendam entraves e sejam internalizados por todos aqueles que, de modo formal ou informal, se encarregam pelas novas gerações e o mundo comum (WOODWARD, 2014).

De modo igual, homens e mulheres são urbanizados para que nos jogos de conquista se aturem como caça e caçador. A mulher é instruída para aguardar pelo ataque do macho e o homem para sempre subjugar a iniciativa. É por esse motivo que o homem, segundo Saffioti (2004, p. 27), “tende a não ver com bons olhos a atitude de mulheres desinibidas, quer para tomar a dianteira no início de namoro, quer para provocar o homem na cama”.

Percebe-se que, para Bourdieu (2019), ocorre uma construção simbólica da superioridade masculina feita a começar da visão daqueles que detêm mais poder, que atua de forma invisível, insensível e suave, sendo ligado a fatores psicológicos, sociais e emocionais, criando esquemas inconscientes de percepção, visão e atuação no mundo.

## CAPÍTULO 4: EDUCAÇÃO FÍSICA NO AMBIENTE ESCOLAR

### 4.1 A educação física no ambiente escolar

A partir de 1930, as discussões sobre gênero ganharam relevância no contexto educacional, dando origem a instituições direcionadas ao ensino das mulheres. Entretanto, a temática era voltada para a formação moral de uma mulher que se tornaria mãe e uma boa esposa. As construções educacionais eram responsáveis pela consolidação dos estereótipos relativos a gênero. “A construção do currículo escolar se dava a contar de uma visão estereotipada de gênero, sendo as mulheres relegadas a certos tipos de currículos e profissões “inferiorizados” (BRACHT, 2005).

As aulas de educação física surgiram no Brasil no século XX, pelos militares com o intuito de formar indivíduos fortes, saudáveis tanto física, moral quanto intelectualmente a fim de obter saúde, esta, fundamental e principal para o transcorrer da vida. “A saúde é o bem mais precioso do homem, juntamente com a beleza contida no corpo” (ABRÃO, 2012).

O homem deveria assumir sua essência e usar a razão para guiar sua vida, não havendo dissociação entre corpo e alma, ambos fazem parte da natureza do homem, e a alma se referia à ideia de corpo, e a evolução dessa alma seria a evolução do homem como um todo. O corpo do homem é um corpo que se torna humano por sua atividade produtiva. (NISTALICOLO; WAGNER, 2012).

Apesar das medidas políticas e da crescente abordagem da temática da diversidade na educação, há ainda poucos avanços na prática escolar quando o assunto é igualdade de gênero. A participação das mulheres no processo educacional brasileiro é divergente desde o período colonial, quando as mulheres não tinham permissão de serem instruídas. De modo que, os conventos femininos foram os primeiros locais que adotaram a instrução à escrita e à leitura.

Em 1920 foi oficializada a 1<sup>o</sup> escola mista no Brasil, porém, a representatividade tradicional de feminino e masculino permaneceu a mesma, sem mudanças significativas no ensino das mulheres. Com o objetivo de valorizar o desenvolvimento do físico e da moral, a partir de atividades físicas.

No mesmo ano, o Brasil vivenciava a fase da República. Esta época foi marcada por diversas reformas, dentre elas, as educacionais, juntamente com a inclusão da Educação Física escolar, que ficou conhecida no primeiro momento como Ginástica. Simultaneamente, escolas de Educação Física foram criadas com o intuito de formação e preparação militar.

O método da ginástica escolar cresceu no Brasil a partir de origens das escolas sueca, alemã e francesa, nas quais possuíam uma perspectiva higienista e militarista e objetivam o exercício como forma de preparação do corpo para a guerra, corpos sadios e fortes para o campo de batalha, além da influência do crescimento da industrialização e o aumento da produtividade, a fim de desenvolver corpos mais fortes e dispostos para a mão de obra.

O ambiente escolar é um local de aprendizado por excelência, formador de futuros cidadãos que participam de forma ativa e efetiva no processo da construção do ser humano como um todo, visto que, um dos princípios escolares é a transmissão e o resgate de valores humanos, familiares, culturais, de conhecimentos e tradições.

O papel da educação e da escola na concepção do gênero já foi amplamente estudado. Propomos, através de uma leitura feminista do Livro V da obra *A República*, entender-se e como a educação em Platão propõe a igualdade entre sexos e em que medida liberta a mulher da dominação masculina (BORISH, 1996).

A escola deve ensinar e garantir aos alunos a oportunidade de aprender a ser democrático, a ser solidário, a acreditar na capacidade de cada um na mudança. É fundamental aprender a falar em público, vivenciar o conflito como espaço de aprendizagem, defender ideias, se organizar e se articular para viabilizar uma proposta, a escolher seus representantes, a avaliar coletivamente, a reorientar a prática quando a avaliação apontar essa necessidade.

Deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la. Os modos como os outros interpretam, orientam e regulam suas ações no espaço escolar, são internalizados pela criança em um processo no qual ela se apropria das formas culturais, paralelamente, em que as modificam criando sua maneira singular de interagir e intervir no meio, regulando suas próprias práticas com o meio.

Para Antunes (2014), a escola e especialmente, o professor, exercem um papel fundamental no processo de aprendizagem, pois “devem fornecer condições

de interação entre o professor/aluno e o objeto de estudo (conteúdo escolar) que levam a uma apropriação do conhecimento de maneira satisfatória”. Salvo que, no ambiente escolar cada criança apresenta uma cultura, crença e costumes diferentes.

Decerto, é comum os alunos alimentarem preconceitos e empregarem rótulos no que concerne à prática esportiva nas aulas de Educação Física, indicando qual esporte é adequado para cada sexo. A atividade física interpreta um papel de essencial importância, pois a criança desta fase está em pleno desenvolvimento das funções motoras, cognitivas, emocionais e sociais, passando da fase do individualismo para a das vivências em grupo.

Toda construção histórica e social das relações de gênero em que dizem acerca do papel maternal e sensível empregado às mulheres e da detenção de força e poder empregado aos homens, ainda é refletida na discriminação da prática feminina em esportes vistos como masculinos.

#### 4.2 A prática da educação física escolar diante da dominação masculina

Situações vivenciadas no cotidiano declaram que o ser humano nasceu para ter convívio com o próximo e com o ambiente em que habita, e na escola, não é diferente, em razão de que o corpo docente promova e circunda espaços em comum para homens e mulheres e os envolvam no processo educacional.

A Educação Física se mostra como um espaço de aprendizagem marcado pela diferença de gênero, mas também um ambiente que é produtor da sua diferença. “O corpo é uma construção cultural inacabada, as aulas de Educação Física configuram-se como espaços nos quais são produzidas e reproduzidas gestualidades, a história, as influências e o contexto social de cada estudante” (GOELLNER, 2020)

Esta disciplina escolar trabalha diariamente com a educação dos estudantes por meio de seus corpos, de modo que, atuar no corpo implica agir na sociedade em que está inserido, uma leitura do mundo no qual habita. Por ser um corpo humano, é também uma realidade cultural. O humano inventa-se ao inventar cultura (s): seu corpo é condição primeira para essa invenção. Não há homem fora da cultura (ALTMANN, 2015).

As técnicas corporais, criações humanas, vigentes nas aulas de Educação Física e que estabelecem o discernimento próprio do ensino dessa matéria curricular, salientam aspectos culturais do homem, pois, lhes são conferidas

definições abundantes que expressam sentimentos, valores éticos e estéticos, harmonizando-se dos tempos e espaços do viver, patrimônios culturais imateriais da humanidade, constitutivas de sua história.

Se a sociedade reproduz ações indicadoras de dominação masculina, como a restrição do corpo feminino de sua participação nos espaços, a Educação Física as reflete, tendo em vista que os alunos que estão inseridos na escola carregam os traços que são a eles legitimados. Entretanto, o professor, a partir do reconhecimento e questionamento da naturalização dos traços, possui a responsabilidade de proporcionar um ambiente, no sentido contrário do construído e percebido socialmente, que possibilita às alunas a vivência do esporte sem restringir seus corpos pelo seu sexo.

Segundo Goellner (2005), os exercícios que são mais fáceis de serem realizados pelas mulheres nas aulas de educação física são “aqueles que aumentam a flexibilidade da coluna vertebral, do tronco e os que visam o desenvolvimento do corpo”.

Ressalta-se que, é de extrema necessidade que a Educação Física seja pensada como espaço plausível de construção de relações humanas mais igualitárias, objetivando a aceitação do outro como ser humano repleto de sentimentos. “É produzir e reproduzir a realidade social por meio de objetivos e práticas, em especial, na forma como percebemos e nos relacionamos com o outro” (AUD, 2018).

Portanto, o homem para o esporte é percebido pela sua virilidade e sua masculinidade, enquanto a mulher configura o belo sexo, com a intensa valorização sexual e biológica de seus corpos. Tal construção ocorre em função de que o homem se consolida no esporte como personagem principal e a dicotomia entre “sexo forte” e “sexo frágil” aparece com mais evidência e tende a se manter em determinados locais do campo.

#### 4.3 Sobre a inserção das mulheres na prática da educação física no ambiente escolar (leis)

No artigo 5º do capítulo 1 do Decreto nº 69.4502 de 1 de novembro de 1971, encontra-se o seguinte regulamento a respeito da separação de turmas por gênero na aula de educação física, veja:

III - Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física.” Essa legislação foi norteadora da educação física escolar por vinte e cinco anos. Em 1996 foi substituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que então passou a regulamentar a educação no país.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ressalta orientações gerais de embasamento para a educação física escolar, mas, se abstém das orientações quanto à composição das turmas, ou a separação por sexo ou aptidão física, como podemos observar a seguir:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

- I – Que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
- II – Maior de trinta anos de idade;
- III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
- IV – Amparado pelo DecretoLei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – (VETADO) (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003) 4;
- VI – Que tenha prole (BRASIL, 1996, p.9-10).

A construção histórica e social dos estereótipos corporais interfere nas relações sociais não apenas no campo do trabalho, do direito ao voto, mas também no esporte. Historicamente noções de masculinidade como força, virilidade e resistência são esperadas na performance dos homens. As meninas, entretanto, são submetidas a um padrão de corpo que deveria ser magro, fino, alto, reproduzindo movimentos delicados e suaves.

A partir desses padrões, quando uma menina participa de esportes que são considerados masculinos, como por exemplo o futebol, é questionada a sua feminilidade. A escola é considerada uma contribuição para a prática e vivência cotidiana dos alunos, professores, pais, responsáveis e da realidade concreta vivida pela comunidade, recheada de culturas, tradições, realidades diferentes, precisa criar condições para que todos aprendam a se expressar, a se articular em torno de seus interesses individuais e coletivos.

Para Gorellner (2008), uma das escritoras de relevância na discussão de gênero no Brasil, se estamos cientes de que o gênero é a edificação social do sexo, precisamos considerar que aquilo que no corpo indica ser masculino ou feminino, não existe naturalmente. “Foi construído assim e por esse motivo não é, desde sempre, a mesma coisa. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o

definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (GOELLNER, 2008).

Considerando o futebol como análise dos mecanismos de reprodução, pode-se ponderar velocidade, força e habilidade como categorias de avaliação e exclusão ou inclusão de alunos e alunas no esporte. Meninas que jogam com audácia são consideradas masculinizadas, e meninos que não se destacam nesses fatores são ridicularizados como afeminados. Essas respostas se apresentam como reflexo de uma violência simbólica enraizada e construída a partir dos ideais biologistas que esperam do homem a postura viril, e da mulher, a postura submissa passiva.

Ainda que os alunos não percebam de forma consciente os costumes que reproduzem, são alvos das percepções sociais impostas. “O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma” (BOURDIEU, 1998).

Em um estudo sobre as questões de gênero na Educação Física escolar, Helena Altmann (2011 apud ALTMANN, 2015) fez um levantamento com estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental na região metropolitana de Campinas/SP sobre suas práticas esportivas fora da escola e constatou uma grande desigualdade de gênero no futebol.

Um dos relatos do seu diário de campo consistia no seguinte comentário de um dos alunos a respeito da única menina que jogava futebol, revelando seu medo e insegurança de participar ativamente do esporte: “Meninos a incentivam e parabenizam, mas não passam muito a bola. Quando passam, ela parece ter insegurança e medo (Diário de campo, 12/04/2018).” (ALTMANN, 2016)

Observa-se, ainda que a legislação permita às mulheres a participação esportiva nas aulas de educação física, há ainda uma repressão subjetiva, a autoexclusão aparece no lugar da proibição, a contar do sentimento de rejeição e de incapacidade que está presente subjetivamente.

A lógica paradoxal da dominação masculina e de submissão feminina, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres, ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõe. (BOURDIEU, Pierre.)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primórdios da humanidade os conflitos são inerentes na sociedade. A civilização humana, desde os seus primórdios, até o período atual, passou por inúmeras fases, cada uma com suas peculiaridades, com seus pontos negativos e positivos, de modo que as evoluções científicas, tecnológicas, políticas, econômicas, sociais e jurídicas são muitas vezes lentas e graduais.

O convívio em comunidade se sujeita a uma multiplicidade de regras de convivência que surgem naturalmente das múltiplas interações sociais que nela se processam e estabelecem por meio das relações de amizade e de negócios, profundas raízes na sociedade colonial, atuando como “políticos práticos, sensíveis e conhecedores dos especiais interesses das comunidades nas quais prestavam serviços.

Isto acontece porque o indivíduo passa a viver em função das exigências e padrões determinados pela sociedade, na qual, cada um, passa a alcançar e seguir seu objetivo, seu padrão de vida e exigências, ser honrado, querido por muitos, constitui expressão de força, de dominação, de poder. No qual, domínio e vitória são adquiridos por poucos ou por ninguém desonroso. A principal qualidade do homem de conquistar ou se manter no poder é agir conforme as circunstâncias.

De acordo com o texto escrito neste trabalho, percebo que o homem pode contribuir consideravelmente para o desenvolvimento de sua vida e da sociedade na qual se encontra. O ambiente escolar é um local no qual engloba diversas culturas, pessoas, crenças, classes sociais, onde, muitas vezes ou na maioria dos casos, os referenciais de gênero são trazidos das casas familiares, podendo ser apanhados durante a vida, definindo funções sociais e padrões comportamentais a serem seguidos.

Percebe-se que nas aulas de Educação Física, por momentos, há influência patriarcal<sup>3</sup> e machista enraizada nos alunos, como frases “você é menina, não pode jogar bola”, “só os meninos são fortes”, refletindo em desigualdades de gênero.

---

<sup>3</sup> Nasceu da tomada de poder por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos. É baseado na ideia de autoridade e liderança pelo gênero masculino. Segundo Garcia (2011) no sistema patriarcal, o homem desfruta de uma posição de privilégio e de poder social, econômico e político, enquanto a mulher e outros sujeitos que fogem da norma, seja em relação ao gênero, a raça ou a orientação sexual, são menosprezados e invisibilizados.

Apesar das dificuldades encontradas pelas meninas que praticam a modalidade esportiva, é necessário ter um direcionamento por parte dos professores na construção de relações igualitárias de gênero entre os alunos e alunas.

O apoio da família é fundamental como pilar no processo de inserção feminina no esporte masculinizado, bem como a resistência e insistência por parte das atletas. Todos os direitos que se têm hoje são repercussões de uma história de lutas e de merecidas conquistas, no qual se delimitam o tão sonhado crédito dentro dos mais diversos campos e a igualdade de direito das mulheres quanto aos dos homens.

O cotidiano feminino ainda é formado pela dominação do gênero masculino, apesar de ser uma longa trajetória, as mulheres têm conquistado seus direitos, e cabe aos profissionais tomarem consciência deste processo com responsabilidade para garantir que está e as próximas gerações permaneçam em busca da igualdade.

A luta é incessante em busca da igualdade de gênero, que equivale em processo longo, árduo e contínuo, não corresponde à substituição de posição social ou superioridade das mulheres e sim garantias de igualdade sem qualquer forma de discriminação e violência de gênero espécie, raça ou sexo.

Não obstante, a escola é um local pelo qual o ser humano aprende uma visão de mundo, de saberes e de possibilidades que visem uma sociedade justa e democrática, muitas vezes alicerçada no afeto, no respeito, na percepção e na valorização das diferenças e igualdades.

A obra de Bourdieu (1998) se faz muito importante na compreensão da lógica da dominação masculina, e seu esforço merece o devido reconhecimento. Contudo, ainda há muito o que se fazer para que seus conceitos se atenham apenas ao passado. Um dia ainda teremos a palavra “desigualdade” remetida apenas à história das sociedades.

A trajetória de inserção das mulheres nos jogos olímpicos ocorreu de forma linear e vagarosa ao longo dos tempos. O avanço e a conscientização das mulheres em relação ao seu novo posicionamento pressionaram a sociedade a chegar ao ponto onde o próximo passo não era se as mulheres poderiam participar dos Jogos, mas como elas participaram: em quais esportes ou modalidades esportivas e em quais posições, inclusive de gerência em instituições olímpicas nacionais e internacionais as mulheres poderiam participar.

Fato é que, o corpo humano independente do sexo progride e avança constantemente no decorrer da vida, e, no esporte gera como consequência alto rendimento físico, moral, psíquico e social

Apesar de ser um tema que sempre esteve presente na sociedade, percebe-se que, são poucas as obras e autores que tematizam o assunto. E assim, observa-se que, a força masculina predomina até os dias atuais na contemporaneidade, seja em qualquer âmbito da vida.

O movimento feminista ao longo dos anos procurou lutar por causas comuns buscando a igualdade de gênero, condições melhores, respeito, dignidade e uma vida social sem preconceito e sem mascarada por um sistema patriarcal e machista.

O homem deve analisar se as condições são favoráveis ou, se não forem, quais ações deveriam ser tomadas para se ter um contexto em direção de melhor aproveitá-lo, a partir da realidade efetiva o homem passa a ter a capacidade de intervir, que tem a oportunidade de manipular conforme suas reais necessidades.

Se a dominação masculina se molda à ordem simbólica do mundo social, seus métodos de atuação transcorrem através de uma submissão paradoxal, decorrente do que o autor designa de violência simbólica, isto é, a violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas e representada pelas vias mais sutis de dominação.

A essência do feminismo não se caracteriza em substituir os papéis com os homens ou ter domínio sobre o gênero masculino, mas sim em defender os direitos das mulheres e combater as desigualdades de gênero. Por essa razão, os movimentos sociais resultaram em grandes conflitos, pois tinham a finalidade de ratificar o processo de emancipação e de libertação das mulheres, por isso são muito estigmatizados.

Neste trabalho foi utilizado artigos acadêmicos na temática de gênero na educação física para relacionar juntamente com os argumentos de Pierre e buscar uma correlação do tema proposto com a Educação Física Escolar.

Decerto que, as análises construídas por Pierre Bourdieu a respeito do tema proposto neste trabalho, trazem consequências para a reflexão sobre a dominação masculina na prática esportiva construída ao longo da história da humanidade e que permanece em constante mudanças, evoluções.

Mesmo que a participação delas como atletas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens, principalmente em modalidades que

tradicionalmente são ditas “masculinas”. Existem muitas lacunas a serem preenchidas e barreiras a serem derrubadas para que homens e mulheres possam desenvolver a excelência esportiva, independente do gênero.

Acreditamos que a crescente democratização da participação da mulher no esporte vislumbra a possibilidade de um mundo mais justo, na medida em que diminui os abismos entre homens e mulheres independentemente de suas características étnicas e biológicas.

Por fim, a realização deste trabalho possibilitou um alto nível de satisfação e de crescimento teórico, além do profissionalismo nas buscas de conteúdo para serem inseridos neste trabalho, podendo ser utilizado por acadêmicos e profissionais da área.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO R. K. **A Política de Organização das Infâncias e o currículo da Educação Infantil e do primeiro ano.** Zero-a-seis (Florianópolis), v. 25, p. 51-74, 2012.
- ALTMANN, H. **Educação Física escolar: relações de gênero em jogo.** São Paulo: Cortez, 2015.
- ANTUNES, Celso. **Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas.** 17ª ed. – Campinas, SP: Papirus 2014.
- AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** 2.ed. Contexto: São Paulo, 2018
- BORISH, L. J. **Women at the Modern Olympic Games: An Interdisciplinary Look at American Culture.** Quest. v. 48, n.1, p. 43-56, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Trad. Mariza CorrÊa. 6º ed. Ed. Campinas. SP. 2008
- \_\_\_\_\_. **O senso prático.** Tradução Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução.** 3.ed. Ijuí , RS: Ed. Unijuí, 2005.
- BRAICK, Patricia Ramos. **História das cavernas ao terceiro milênio: Do avanço imperialista no século 19 aos dias atuais.** Moderna, 2 ed. São Paulo: Moderna, 2015
- COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo: subsídios para sua história.** 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- CRESWELL, John W; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 5º edição. Editora: Penso, 2021
- FOUCAULT. M. **Microfísica do poder.** 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo.** São Paulo: Claridade, 2011.

GARTON, S. **História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual**. Trad. Mário Félix. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GOELLNER, S. Gênero. In: González, F.J; Fensterseifer, P. E. (Orgs). Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. 2012.

MIGUEL, Luís Felipe – **Feminismo e política: uma introdução**/ Luís Felipe Miguel, Flávia Biroli-1. ed. São Paulo: Boitempo, 214

NISTA-PICOLO, V. L. WAGNER, W. M. **Corpo em movimento na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2012

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: editora vozes, 2012

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M. J. GDE. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v.16, n.2, 2008.

POVOLEDO, Elisabetta. **Itália anuncia novas leis contra violência de gênero**. Folha de São Paulo. 10.09.2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abreu: 2004.

SOBRINHO, Antônio Santana. **Elementos da teoria de poder em Michel Foucault**. 1º edição. Editada: Quipá, 2021.

TANRIKULU, Ceyda. **Diferenças de sexo e identidade de gênero em resultados psicológicos relacionados ao trabalho entre vendedores**. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 19, n. 66, 2017

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014

